

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso C-PEM/85

Partido.....

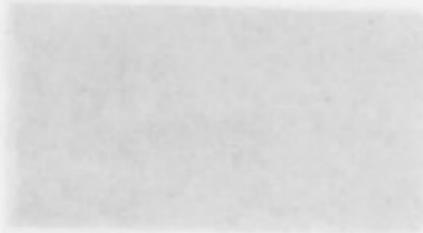
Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

ROGERIO VIEIRA NEVESCAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA (EN)

NOME E POSTO

**RIO DE JANEIRO**19. 85



MM - EGN
BIBLIOTECA
SERVIDOR
N. 436

- POVOS DIVIDIDOS -

ROGÉRIO VIEIRA NEVES
Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN)

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
1985

MM - EGN
BIBLIOTECA
25/06/1986
N: 126

GN-00000736-1

- FOLIOS DIVIDIDOS -

ROGERIO VIRIA NEVES
Capitão-de-Mar-e-Guerra (EM)

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1982

TEMA: POVOS DIVIDIDOS

PROPOSIÇÃO: Analisar a divisão da Alemanha, da Coréia, e da Irlanda, abordando, dentre outros, os seguintes tópicos: causas e condições que levaram à divisão, e grau de aceitação atual por parte das populações; esquema de forças que tendem a manter/reverter a situação atual; demais interesses em jogo.



ÍNDICE

	FOLHA
Lista de Figuras	IV
PREÂMBULO	1
ALEMANHA	1
CORÉIA	4
IRLANDA	7
BIBLIOGRAFIA	A-1

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº	TÍTULO	FOLHA
1	ALEMANHA	10-A
2	CORÉIA	10-B
3	IRLANDA	10-C

POVOS DIVIDIDOS

Preâmbulo - Examinando a divisão política do mundo de hoje verificamos que diversos povos se encontram divididos.

Alguns foram divididos por causas externas e constituem, na verdade, "nações divididas", enquanto outros acabaram divididos por causas internas, e representam, por assim dizer, "países fragmentados". Essa distinção é estabelecida na obra "Divided Nations in a Divided World" - indicada pela Escola e constante da bibliografia - na qual nos baseamos para a elaboração deste ensaio. Tendo em vista o escopo do trabalho e, em especial, o limite de extensão estabelecido para o texto, apenas três exemplos serão aqui apresentados - a Alemanha e a Coreia, como nações divididas, e a Irlanda, como país fragmentado.

Alemanha - Em abril de 1945, ao final da 2.^a Guerra Mundial, a Alemanha foi invadida, ocupada, e dividida entre as quatro potências aliadas - Estados Unidos, União Soviética, França e Reino Unido. Para controlar o país após a ocupação foi criado um comando combinado, com sede em Berlim, que também foi dividida em quatro setores.

Inicialmente a divisão da Alemanha era vista pelos Aliados como uma situação temporária - tão logo fossem criadas condições favoráveis, o país deveria ser reunificado e a sua direção entregue a um governo nacional único, eleito democraticamente.

Entretanto, as potências ocidentais e a União Soviética não conseguiram chegar a um acordo sobre a pretendida reunificação.

Assim sendo, o comando combinado foi dissolvido e os dois blocos partiram para a criação de unidades políticas independentes: a República Federal da Alemanha (RFA) - abrangendo as áreas ocupadas anteriormente pelos Estados Unidos, França e Reino Unido - e a República Democrática Alemã (RDA) -

compreendendo a área antes ocupada pela União Soviética.

Ao final de 1949 as duas Alemanhas passaram a existir formalmente, como países organizados, embora ainda ocupados por tropas estrangeiras. A soberania completa só lhes foi concedida em 1955 - inicialmente para a RFA, e em seguida para a RDA.

A situação de Berlim demorou um pouco mais para ser resolvida. Depois de diversas crises e negociações entre as potências ocidentais e a União Soviética, chegou-se finalmente a um acordo em 1971. Por este acordo Berlim Ocidental passou a ser reconhecida como uma unidade política independente, embora ligada por fortes laços à República Federal da Alemanha. A configuração da Alemanha após a divisão é mostrada na figura nº 1 (5:2), onde estão também indicados os territórios perdidos, ao final da guerra, para a Polônia e para a União Soviética.

Desses territórios, cerca de 10 milhões de pessoas emigraram para a Alemanha Ocidental, que recebeu ainda outros 3 milhões de refugiados provenientes da Alemanha Oriental, em razão do regime comunista ali instalado pela União Soviética.

Esses imigrantes, muitos deles profissionais altamente qualificados, trouxeram inicialmente, em razão do seu elevado número, alguns problemas de absorção e integração para a RFA, mas acabaram constituindo, pelo valor da sua mão-de-obra, um importante fator para o extraordinário desenvolvimento observado na Alemanha Ocidental, nos anos subsequentes.

A perda dos territórios e a divisão do país representaram um duro golpe para o povo alemão. De todos os povos divididos, talvez nenhum outro possuísse um sentimento de nacionalidade tão forte. A composição étnica homogênea, a unidade de idioma, a ausência de conflitos religiosos, dentre

outros fatores, concorriam para fazer da Alemanha uma verdadeira nação, na mais completa acepção do termo.

Assim, durante muitos anos, a RFA recusou-se a admitir como definitiva a perda dos territórios e a divisão do país, não reconhecendo quer a linha Oder-Neisse entre a RDA e a Polônia, quer a existência da República Democrática Alemã como país independente. Quanto à RDA, chegou mesmo a adotar, em política externa, a então denominada doutrina Hallstein que consistia em suspender, ou não estabelecer, relações diplomáticas com qualquer país que reconhecesse a independência da Alemanha Oriental.

O tempo, no entanto, se encarregou de atenuar e por fim modificar essa atitude, concorrendo para tal, obviamente, a mudança ocorrida no relacionamento entre as duas superpotências, que passaram do clima de guerra fria para a política de "detente".

Assim, a RFA acabou por assinar dois tratados no início dos anos 70 - o de Varsóvia, em que reconhecia a linha Oder-Neisse, e o de Moscou, em que reconhecia a RDA como país independente.

A assinatura, no entanto, foi acompanhada por ressalvas, como por exemplo: "este tratado não entra em conflito com o objetivo político da RFA de lutar por uma situação de paz na Europa em que a nação alemã venha a recuperar a sua unidade através da livre auto-determinação"¹(5:20). Em que pese a declaração, a possibilidade de uma reunificação na nossa opinião, parece cada vez mais remota.

De um lado, o alto padrão de vida na Alemanha Ocidental é um fator que, mantendo elevado o grau de satisfação do povo, contribui para diminuir o desejo de mudanças. Além disso, boa parte dos que viveram os acontecimentos do final

¹A tradução é nossa.

da guerra, ou já morreram, ou estão muito idosos, e as novas gerações, que s^o conheceram a Alemanha depois de dividida, s^o mais propensas a aceitar a situa^ço atual.

Na RDA, por outro lado, a Uni^o Sovi^ética tratou de promover uma verdadeira revolu^ço cultural, rompendo com o passado, e impondo ^o sociedade, especialmente aos mais jovens, os valores do regime comunista. O ^o grande elo de liga^ço com a antiga Alemanha, o sistema legal uniforme, dos tempos de Bismarck, foi completamente reformulado a partir dos anos sessenta.

E por ^o, por^ém n^o menos importante, temos a posi^ço das duas superpot^ências, ambas com grandes interesses na regi^o. Ao que tudo indica, nem os Estados Unidos tolerariam uma mudan^ça de regime na Alemanha Ocidental, nem a Uni^o Sovi^ética na Alemanha Oriental, o que praticamente elimina a possibilidade de uma reunifica^ço pacífica.

Portanto, a perspectiva no momento ^é de que seja mantida a divis^o atual, o que n^o impede, no entanto, que as duas Alemanhas venham a desenvolver, com o tempo, um tipo especial de relacionamento, ao estilo por exemplo, dos pa^íses da Comunidade Brit^ânica.

Cor^éia - Durante s^éculos a na^ço coreana esteve unida em um ^o pa^ís. As suas fronteiras com a China foram estabelecidas em 668 DC, mas muito antes disso a Cor^éia j^á existia como na^ço, do ponto de vista ^étnico e lingu^ístico. A ocupa^ço japonesa, de 1931 a 1945, serviu para refor^çar ainda mais a unidade do povo coreano, face os melhoramentos introduzidos no pa^ís em transportes e comunica^çoes.

A sua divis^o, como a da Alemanha, foi uma consequ^ência da 2.^a Guerra Mundial. As circunst^âncias, no entanto, que cercaram esta divis^o foram bastante diferentes, como veremos a seguir.

Ao que se sabe, nunca houve a inten^ço premeditada de

dividir a Coréia. Quando os Aliados se reuniram em Yalta, em fevereiro de 1945, Roosevelt propôs que fosse estabelecido um protetorado - composto pelos Estados Unidos, União Soviética, China e Reino Unido - para governar o país após a rendição japonesa, visando criar condições para a sua futura independência, o que deveria ocorrer dentro de um período de 20 a 30 anos. Esta idéia, no entanto, acabou não sendo implementada, pelo receio das potências ocidentais de que a União Soviética se aproveitasse do precedente para propor a sua aplicação a outras áreas, consideradas de importância vital para os interesses ingleses e norte-americanos.

Assim sendo, quando a União Soviética declarou guerra ao Japão, em agosto de 1945, os Estados Unidos tiveram que buscar rapidamente algum tipo de acordo sobre a ocupação da Coréia. Pelos entendimentos mantidos, ficou estabelecido que os soviéticos receberiam a rendição japonesa na região localizada ao norte do paralelo 38 e os norte-americanos na região localizada ao sul. E foi o que aconteceu.

O que não aconteceu no entanto, embora também tivesse sido previsto, foi a reunificação do país sob um único governo, após a rendição japonesa. Estados Unidos e União Soviética não conseguiram chegar a um acordo a esse respeito. Em consequência, em agosto de 1948 a Coréia do Sul foi declarada independente, passando a constituir a República da Coréia (RC), sendo que um mês depois foi a vez da Coréia do Norte, que passou a denominar-se República Popular Democrática da Coréia (RPDC). As tropas soviéticas foram evacuadas nesse mesmo ano, e as norte-americanas no ano seguinte.

Em junho de 1950, portanto um ano depois da retirada das tropas norte-americanas, a Coréia do Norte invadiu a Coréia do Sul, numa tentativa de reunificar o país pela força. Tropas da ONU, especialmente dos Estados Unidos, intervieram em defesa dos sul-coreanos e conseguiram repelir os invasores, entrando em seguida na Coréia do Norte. Foi a vez en-

tão dos comunistas chineses acorrerem em auxílio dos seus camaradas norte-coreanos. A frente de batalha acabou estacionando próximo ao paralelo 38. Em junho de 1953 foi assinado um armistício, tendo sido criada, nessa ocasião, uma zona desmilitarizada na fronteira entre os dois países. As fronteiras estabelecidas naquela ocasião, que perduram até os dias de hoje, estão indicadas na figura nº 2 (4:42).

As tentativas de reunificação realizadas desde então não tiveram maior êxito. Já em 1954, portanto um ano depois do armistício, foi promovida uma conferência em Genebra com o propósito de aproximar e, por fim, unificar as duas Coréias. Nada foi conseguido. Novas tentativas foram feitas em 1971 e 1972, também sem sucesso.

Em que pese à grande conveniência de reunificação sob diversos aspectos, inclusive o econômico², as iniciativas nesse sentido sempre esbarraram nas profundas divergências ideológicas entre os dois países. Essas divergências acabavam levando os entendimentos, invariavelmente, a uma situação de impasse.

A propósito, vale ressaltar que os coreanos de ambos os lados adotaram rapidamente os valores trazidos pelas potências de ocupação, mostrando-se em várias ocasiões mais intransigentes em suas posições que os próprios soviéticos e norte-americanos.

Do nosso ponto de vista, as possibilidades de reunificação são muito pequenas. Embora ambos os lados façam gestos neste sentido, na realidade o que cada um deseja é a adesão do outro à sua ideologia e modelo político. Di

²Por ocasião da divisão do país, era muito grande o grau de interdependência entre as regiões, que possuíam economias praticamente complementares.

ferentemente da Alemanha, o maior obstáculo para a reunificação da Coreia talvez esteja mais na vontade dos próprios coreanos do que no jogo de interesses das superpotências.

Não obstante, não é de todo impossível que no futuro, dependendo das circunstâncias, os dois países procurem uma maior aproximação, quando menos, por motivos de economia, pois ambos mantem elevados gastos com Defesa, em razão da situação de tensão ainda existente.

Irlanda - Em 1167 os ingleses ocuparam a Irlanda. Ocuparam, mas não conquistaram. Os irlandeses mantiveram-se unidos pela tradição, pela cultura, pelo idioma, e, finalmente, pela religião - a Reforma Religiosa, ocorrida no século XVI acentuou as divergências entre colonizados e colonizadores, afastando mais ainda irlandeses católicos de ingleses protestantes.

Para piorar a situação, a Coroa confiscou, no século seguinte, grandes extensões de terra na região do Ulster - atual Irlanda do Norte - e ali instalou colonos protestantes ingleses e escoceses, provocando assim uma grande migração de católicos irlandeses para o sul do país e para os Estados Unidos.

O confisco foi acompanhado por outras medidas discriminatórias: os católicos foram proibidos de possuir terra, educar seus filhos em escolas católicas, exercer profissão liberal ou atividade comercial, ocupar cargo público, e a própria religião católica passou a ser proibida por lei.

Quando essas medidas foram finalmente revogadas, no começo do século XIX, os irlandeses estavam reduzidos a uma massa de camponeses pobres e analfabetos, cheios de ressentimento em relação aos ingleses.

O abrandamento da discriminação e a instalação de indústrias no país, especialmente nas cidades de Belfast e Dublin, deu ensejo ao aparecimento de uma classe média católica, pequena porém organizada, que passou a pressionar - o

governo inglês por reformas, visando melhorar a situação dos católicos.

Apesar das dificuldades, diversas conquistas foram alcançadas no decorrer do século XIX, dentre elas a representação política para os católicos, a separação da Igreja da Irlanda, e a reforma agrária.

Entretanto, o objetivo final dos católicos irlandeses, que era a independência, encontrou forte resistência no parlamento inglês. Os protestantes irlandeses, auxiliados por alguns colegas ingleses, conseguiram por duas vezes evitar que o projeto fosse aprovado. Da terceira vez - já então no início deste século - como fosse iminente a sua aprovação, os protestantes irlandeses ameaçaram resistir pela força, e partiram para a organização de uma milícia paramilitar no Ulster. O sul reagiu e organizou a sua própria milícia, precursora do atual Exército Republicano Irlandês ("IRA").

A aprovação do projeto e a conseqüente guerra civil foram suspensas, naquela ocasião, pela eclosão da 1ª. Guerra Mundial. Ainda assim, católicos extremistas rebelaram-se em 1916, em um movimento que ficou conhecido como Levante da Páscoa, mas acabaram derrotados pelas forças do governo.

Embora a rebelião não tivesse contado com o apoio da opinião pública, os rebeldes acabaram transformados em heróis, face à inabilidade do governo inglês, que executou sumariamente diversos prisioneiros. Este fato contribuiu para exacerbar o nacionalismo dos católicos irlandeses, e na primeira eleição realizada após a guerra, em dezembro de 1918, os nacionalistas radicais alcançaram uma vitória esmagadora.

Após a eleição, os vencedores reuniram-se em Dublin e proclamaram a República da Irlanda. Os protestantes reagiram, e estourou a guerra civil. Os ingleses intervieram, mas os católicos conseguiram obter o controle do país, à exceção da região do Ulster.

Numa tentativa de por fim ao conflito, ou, pelo menos, preparar as bases para um armistício, o governo inglês aprovou uma lei, em dezembro de 1920, dividindo a Irlanda em duas partes: a Irlanda do Norte, compreendendo seis dos nove condados do Ulster, e a Irlanda do Sul, abrangendo os vinte e seis condados restantes. A divisão é mostrada na figura nº 3 (6:196).

Em julho de 1921 os adversários concordaram com uma trégua e iniciaram negociações. O tratado de paz, assinado em dezembro de 1921, criava o Estado Livre Irlandês, com "status" de Domínio dentro do Império Britânico, mas permitia à Irlanda do Norte permanecer separada do Estado Livre, se assim o desejasse.

E foi o que aconteceu. A Irlanda do Norte passou a ter governo próprio para assuntos internos, continuando porém, com relação a outros assuntos, fortemente ligada ao governo inglês.

No Estado Livre Irlandês, a divisão provocou uma guerra civil entre moderados e radicais. Os radicais, que acabaram derrotados, pretendiam a anexação da Irlanda do Norte - pela guerra, se necessário fosse. E a sua atitude tinha seus fundamentos. Dos seis condados da Irlanda do Norte, dois possuíam maioria católica, e mesmo considerando os seis em conjunto, os católicos representavam 35% da população - uma minoria bastante expressiva.

Na verdade, pode-se dizer, com propriedade, que a questão irlandesa não foi resolvida naquela ocasião, tendo sido simplesmente transferida para uma área geograficamente menor, conforme veio a ser comprovado mais tarde.

Superada a guerra civil, o Estado Livre Irlandês tratou de fortalecer suas instituições políticas e veio a se converter mais tarde, em 1949, na República da Irlanda, continuando no entanto a manter laços especiais de relacionamento com a Inglaterra.

Na Irlanda do Norte a maioria protestante manteve a mi noria católica discriminada. Inconformados com a situação, os católicos iniciaram, em 1968, uma nova luta pelos seus direitos. O movimento, inicialmente pacífico, acabou levando o país a uma verdadeira guerra civil. Os ingleses intervieram e lá permanecem até hoje.

A República da Irlanda, por sua vez, preocupada com a sorte dos católicos da Irlanda do Norte, tem realizado ges tões e participado de discussões visando uma solução justa para o problema.

Uma solução que certamente agradaria os católicos seria a reunificação do país. Entretanto, esta é uma possibilidade que, na nossa opinião, dificilmente viria a se concretizar, face à reação de protestantes irlandeses e ingleses. Devemos notar além disso, que os conflitos recentes já não tem mais aquele forte caráter de nacionalismo dos conflitos do passado. A Irlanda de hoje assimilou grande parte da cultura inglesa.

No dizer irônico de alguns pensadores irlandeses referindo-se, em 1974, à República da Irlanda: "Conquanto não tenha sido capaz de conquistar a Irlanda durante quase oito séculos de dominação colonial, a Inglaterra está na iminência de consegui-lo agora, nesses cinquenta anos após a independência"³ (6:221).

³A tradução é nossa.



GERMANY



Figura nº 1

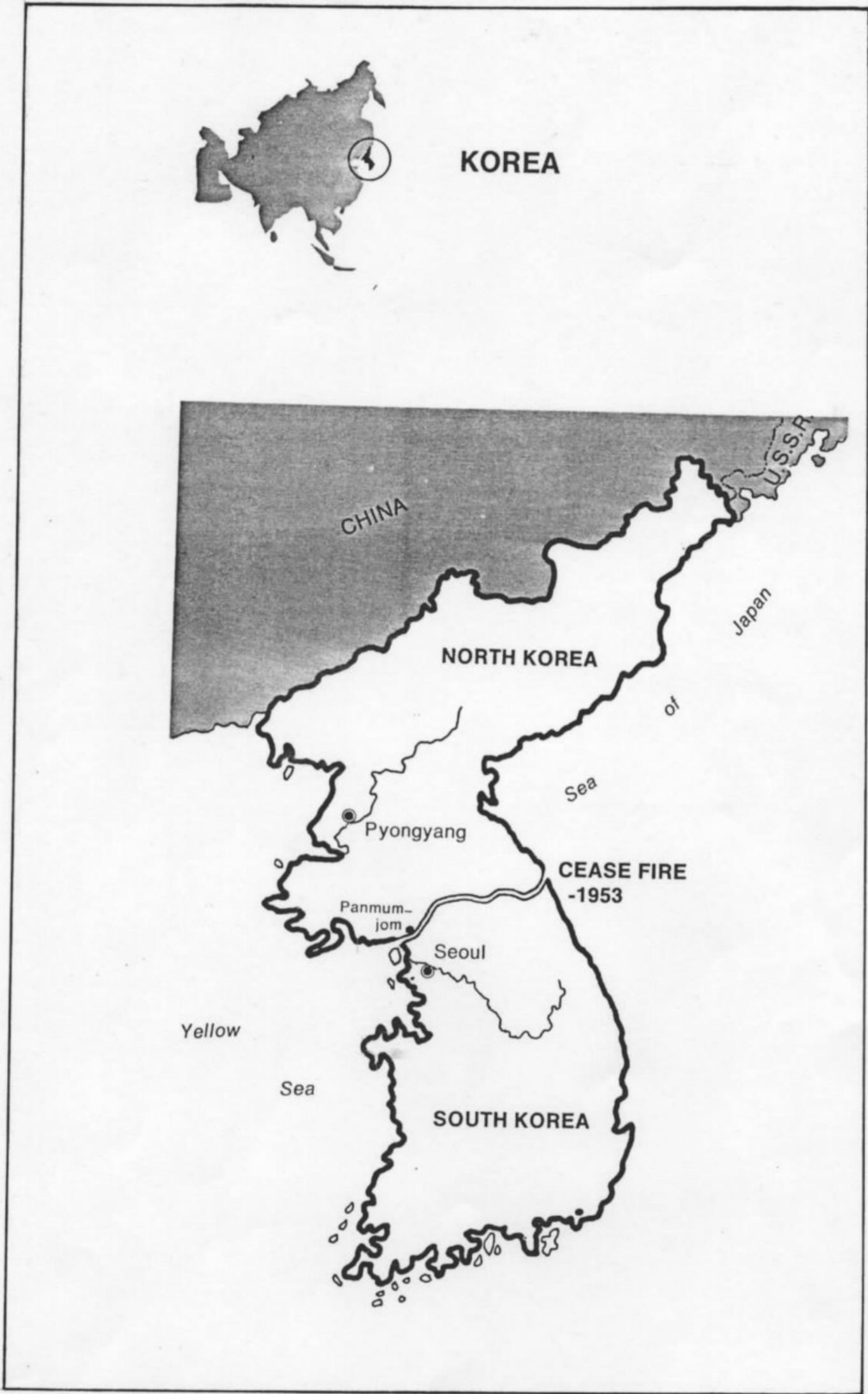


Figura nº 2



IRELAND



Figura nº 3

BIBLIOGRAFIA

1. ALMANAQUE ABRIL 85. São Paulo, Ed. Abril, 1985. p.314-5; 322-3; 516-20; 575-9; 649-51.
2. BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN-215 A-Guia para a elaboração de teses e monografias. Rio de Janeiro, 1981.
3. BRASIL. Escola de Guerra Naval. FI-219-Guia para a elaboração de referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1981.
4. HENDERSON, Gregory. Korea. In: Divided nations in a divided world. New York, David Mckay, cl974. p.42-96.
5. HERZ, John H.. Germany. In: HENDERSON, Gregory et alii. Divided nations in a divided world. New York, David Mckay, cl974. p. 2-41.
6. LEBOW, Richard Ned. Ireland. In: HENDERSON, Gregory et alii. Divided nations in a divided world. New York, David Mckay, cl974. p.196-265.





00007330000126

Povos divididos

1-A-71

1. ALMANAQUE ABRIL 1982, p. 114-21

2. BRASIL, Escola de Guerra Naval, EGM-115 A-Guia para a elaboração de temas e monografias. Rio de Janeiro, 1981.

3. BRASIL, Escola de Guerra Naval, EGM-115-Guia para a elaboração de referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1981.

4. HENDERSON, Gregory, Karen, In: Divided nations in a divided world, New York, David McKay, 1974, p. 42-50.

5. HUNT, John H., Germany, In: HENDERSON, Gregory et alii. Divided nations in a divided world, New York, David McKay, 1974, p. 3-11.

6. LISKOW, Richard Ned, Ireland, In: HENDERSON, Gregory et alii. Divided nations in a divided world, New York, David McKay, 1974, p. 150-253.



Neves, Rogerio Vieira

Povos divididos

ETILO

1-A-71

RETRON EN

SCHE DO LE (126/86)

28 JUL 87

Kris

18 AGO 87

Antonio A. Mallmann

CT(FN)MOLLHANN

08 SET 87

Amery